

CONTEXTOS DISFUNCIONAIS E SEUS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

DYSFUNCTIONAL CONTEXTS AND THEIR IMPACT ON CHILDREN'S DEVELOPMENT IN EARLY CHILDHOOD

CONTEXTOS DISFUNCIONALES Y SUS IMPACTOS EN EL DESARROLLO DE NIÑOS EN LA PRIMERA INFANCIA

Letícia Maria Gerim¹
Bruno Luis Simão²

Resumo

A finalidade deste artigo é tratar sobre a aprendizagem de crianças na primeira infância, respondendo ao seguinte problema: crianças provenientes de contextos familiares disfuncionais apresentam maiores dificuldades no processo de aprendizagem? Esse estudo se justifica pelo fato de que a primeira infância é a etapa essencial para o desenvolvimento de estruturas cerebrais, das quais influenciará a aquisição de capacidades humanas fundamentais para o aprimoramento de habilidades e o alcance de um futuro promissor. Desse modo, seu objetivo é investigar a influência das famílias pertencentes a contextos disfuncionais e seus impactos no desenvolvimento da criança na primeira infância. Para isso, adotou-se a metodologia da pesquisa qualitativa, por meio do levantamento bibliográfico, com autores que são referências nessa temática. A análise desse estudo demonstrou o efetivo papel da família como agente primeiro e propulsor do desenvolvimento. Seus resultados apontaram para urgência em se quebrar paradigmas sociais e incluir a família enquanto protagonista na aprendizagem, diante da necessidade de se olhar a singularidade existente meio às questões socioambientais no interior das famílias. Conclui-se sobre a importância da contribuição do psicopedagogo, enquanto profissional capacitado para trazer soluções aos problemas de aprendizagem e, em linhas gerais, sua potencial colaboração com o desenvolvimento harmonioso da humanidade.

Palavras-chave: contexto; infância; família; aprendizagem.

Abstract

The purpose of this article is to discuss children's learning in early childhood and to answer the following problem: do children from dysfunctional family backgrounds have greater difficulties in the learning process? This study is justified by the fact that early childhood is an essential stage for the development of brain structures, which will influence the acquisition of fundamental human capacities for improving skills and achieving a promising future. The aim of this study is to investigate the influence of families from dysfunctional backgrounds and their impact on children's early childhood development. To this end, a qualitative research methodology was adopted, using a bibliographic review of authors who are references on the subject. The analysis of this study demonstrated the effective role of family as the primary agent and driver of development. The results pointed to the urgent need to break social paradigms and to include the family as a protagonist in learning, given the need to look at the singularity that exists amid socio-environmental issues within families. The conclusion is that the contribution of the psycho-pedagogue is important, as a professional trained to offer solutions to learning problems and, more generally, their potential collaboration with the harmonious development of humanity.

Keywords: context; childhood; family; learning.

Resumen

¹ Bacharel em Psicopedagogia, no Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: legerim@hotmail.com

² Professor da Escola Superior de Educação, Humanidades e Línguas, no Centro Universitário Internacional (UNINTER), Mestre em Educação, Especialista em Psicopedagogia, Psicomotricidade, Ludopedagogia, Educação Especial e Inclusiva, graduado em Normal Superior com habilitação em Educação Infantil, Pedagogia e Educação Física. <https://orcid.org/0000-0001-6854-853X>. E-mail: bruno.si@uninter.com

El objetivo de este artículo es desarrollar sobre el aprendizaje de los niños en la primera infancia, contestando al siguiente problema: ¿los niños provenientes de contextos familiares disfuncionales presentan mayores dificultades en el proceso de aprendizaje? Ese estudio se justifica por el hecho de que la primera infancia es la etapa esencial para el desarrollo de las estructuras cerebrales, de las cuales influirá en la adquisición de capacidades humanas fundamentales para el perfeccionamiento de habilidades y el alcance de un futuro prometedor. De esa manera, su objetivo es investigar la influencia de las familias pertenecientes a contextos disfuncionales y sus impactos en el desarrollo del niño en la primera infancia. Para ello, se adoptó la metodología de la investigación cualitativa, mediante el levantamiento bibliográfico, con autores que son referencias en dicha temática. El análisis de ese estudio demostró el papel efectivo de la familia como agente primario y propulsor del desarrollo. Sus resultados apuntaron a la urgencia de romper paradigmas sociales e incluir a la familia como protagonista en el aprendizaje, ante la necesidad de mirar la singularidad existente en medio de las cuestiones socioambientales dentro de las familias. Se concluye sobre la importancia de la contribución del psicopedagogo, como profesional capacitado para aportar soluciones a los problemas de aprendizaje y, en líneas generales, su potencial colaboración con el desarrollo armonioso de la humanidad.

Palabras clave: contexto; infancia; familia; aprendizaje.

1 Introdução

A infância é considerada como uma etapa primordial para o desenvolvimento do cérebro e para a aquisição das capacidades fundamentais e aprimoramento de habilidades humanas. Por essa razão, trata-se nesse estudo da etapa da primeira infância, período compreendido para crianças na faixa etária de 0 a 6 anos de idade.

Pesquisas nessa área têm demonstrado que o cérebro humano se desenvolve muito rápido nos primeiros anos de vida de um indivíduo, do mesmo modo que se mostra vulnerável aos estímulos ambientais. Por isso, trata-se, de uma fase decisória, em que o desenvolvimento de aptidões, a formação da personalidade, o fortalecimento de competências acontece em maior potencial. Ou seja, enquanto o indivíduo cresce, cresce também seus domínios (físico, cognitivo e socioemocional).

Piaget (1976) aponta em sua vertente teórica como sendo a idade escolar, em termos qualitativos e de aprendizagem, como uma fase determinante em que a criança dá um salto significativo no seu desenvolvimento e apresenta grande capacidade de se relacionar com o mundo por meio das sensações e experimentações. Com base nos seus estudos, o autor destaca que a inteligência se modifica à medida em que a criança se desenvolve, por meio de um processo de sequências sem interrupções, entre reflexos biológicos, movimentos espontâneos e hábitos adquiridos, compreendidos entre a fase de bebê, o qual aponta como período sensório-motor, ao período operatório formal que corresponde ao final da adolescência.

Dada tamanha relevância desse assunto, sobretudo desse importante período da vida, surge a necessidade de responder se crianças provenientes de contextos familiares disfuncionais apresentam maiores dificuldades no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. Para isso, será contextualizado os fatores socioemocionais relacionados ao vínculo familiar e ao

desenvolvimento da afetividade, além da realização de um recorte peculiar a crianças pertencentes a famílias com baixo poder aquisitivo, baixa escolaridade, contexto de violência e vulnerabilidade social e econômica. Verificar-se-á os principais fatores socioambientais, estritamente ligados às dificuldades de aprendizagem, na construção das relações e seus impactos no desenvolvimento da criança.

Como ferramenta para tal, utilizar-se-á do método da pesquisa qualitativa, por meio de levantamento bibliográficos e leitura de materiais já existentes, como: revistas, livros, periódicos, artigos, internet, entre outros, a fim de fundamentar a discussão e aprofundar na coleta de informações relacionadas ao tema. Desse modo, o referido artigo está construído e estruturado dentro de 01 único capítulo o qual abordará o papel da família no desenvolvimento e aprendizagem da criança, tendo como subtítulos a função protetiva das famílias, as mudanças ocorridas no interior dessas, os principais fatores internos e externos presentes em contextos disfuncionais e seus impactos no desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Exposto o assunto, sobretudo dada a significativa relevância à temática abordada, utilizando-se de recortes tão peculiares a esse importante período da vida, busca-se, ao final, suscitar reflexões para superação das fragilidades apresentadas e, sobretudo, responder à pergunta propulsora do presente estudo: crianças provenientes de contextos familiares disfuncionais apresentam maiores dificuldades no processo de aprendizagem em relação às demais?

2 Metodologia

A metodologia adotada para realização desse trabalho é de abordagem qualitativa por meio da realização de pesquisas bibliográficas, tanto em meios eletrônicos como em acesso a periódicos, publicações de revistas, artigos, e-books, entre outros, além da realização da pesquisa documental a materiais impressos (livros) em bibliotecas físicas. Ao todo, foram acessados 44 materiais, e dentre os principais autores pesquisados, destaca-se os de Neder (1994), Conceição (2020), Gomes e Pereira (2005).

A realização desse processo investigativo possibilitou iniciar as leituras a fim de selecionar as principais fontes junto as referências teóricas e bibliográficas fundamentais para a construção de todo trabalho. Quanto à organização dos conteúdos, buscou-se estruturar de forma sequencial e progressiva por meio das revisões teóricas que possibilitassem associá-las como referência as minhas a reflexões próprias. Desse modo,

a devida fundamentação desse artigo ocorreu a partir de seleção e estruturação dos principais pontos de vista presente nos trabalhos existentes, o qual fundamentou e colaborou significativamente para fornecer respostas adequadas à solução do problema abordado.

3 Revisão bibliográfica/estado da arte

3.1 O desenvolvimento da criança na primeira infância

Os primeiros anos da vida de um indivíduo são cruciais para seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e emocional. Segundo a autora Felipe (1998), o desenvolvimento da criança dependerá muito das experiências oferecidas a ele e pelo meio em que está inserido. Desse modo, pode-se afirmar que tanto o espaço quanto as interações, assim como os conteúdos e acessos socioculturais, contribuirão efetivamente para pavimentação do desenvolvimento.

Para Lev Vygotsky, autor que propôs a teoria sociocultural, defendendo que só há desenvolvimento humano se o indivíduo for exposto a uma cultura, apropriando-se das crenças, valores, tradições e habilidades do grupo social ao qual pertence (Transição..., 2019).

Teorias como a do desenvolvimento consideram que o comportamento humano é algo multifacetado, sendo fruto tanto de características hereditárias quanto aprendidas no “meio ambiente” em que se vive. Segundo Rodrigues e Melchiori (2023, p. 32), “entende-se por meio ambiente as influências da família, da escola, do bairro, da cultura etc.” É uma característica bem peculiar humana em ser o único capaz de modificar seu ambiente ao mesmo tempo em que é influenciado por ele. Nesse enfoque, verifica-se que o conhecimento pode ser constituído na medida em que é reconstruído, diariamente, nas experiências cotidianas.

Correlato às interações, a afetividade caracteriza-se como sendo um sentimento inerente ao ser humano e construído a partir do estabelecimento das relações de afeto e do fortalecimento dos vínculos, o qual coloca a família como grupo primário e central das experiências psíquicas humanas.

O vínculo é aspecto fundamental na condição humana e essencial para o desenvolvimento [...] sobreviver é pouco. A criança tem direito de viver, a desfrutar de uma rede afetiva na qual possa crescer plenamente, buscar, contar com a paciência, a tolerância e a compreensão dos adultos sempre que estiver com dificuldades” (Kaloustian, 1994, p. 50-51).

Nesse viés, o papel da família se estabelece como sendo o primeiro espaço em que a criança se

integra e constrói seus vínculos, pois é a família, enquanto primeira instituição social, que assegura e responde a determinadas necessidades básicas, como o amor, o carinho, o afeto, a segurança, a alimentação, a proteção, a socialização. Pode-se dizer que ela é o “berço” ou a “base” em que o indivíduo/criança vai fundar e estruturar sua personalidade, suas capacidades e suas habilidades humanas.

A ela é incumbido o exercício de seu papel de acolhimento, de apoio e de força para a criança se desenvolver, assim como possibilitar ferramentas para o desenvolvimento da inteligência emocional por meio de vivências e experiências emocionais, afetuosas e afetivas de forma conciente, responsável e respeitosa.

A família é um observador especial pela proximidade e afeto que exerce a criança. É necessário que a sociedade entenda que a família ao cuidar das crianças, também cuida da sociedade. E ao analisar sem culpabilizar nem a criança, nem a creche, nem a família, reintegram a criança e conduzem o trabalho a um processo mais participativo e respeitável (Neder, 1994, p. 46).

Por essa razão, segundo Neder (1994), a participação da família torna-se tão primordial quanto a criança se alimentar todos os dias, sua participação ativa no cotidiano escolar da criança exerce um papel muito significativo e contributivo, tanto para educação escolar quanto humana (Neder, 1994). No entanto, a educação familiar ainda requer quebra de paradigmas, muita construção e desconstrução, sobretudo, com relação às mudanças sociais ocorridas ao entorno do contexto histórico das famílias, o qual será tratado mais a diante.

3.1 A função da família no desenvolvimento da criança

Segundo as autoras Gomes e Pereira (2005), no imaginário social, a família é um grupo de indivíduos ligados por laços de sangue, que habitam a mesma casa, cujas características serão construídas com base no contexto sociocultural ao qual se encontra suas ramificações (raízes, heranças culturais e modos de vida).

No entanto, vivencia-se, meio a uma sociedade permeada por múltiplas expressões sociais, em que se revelam diferentes composições familiares, nas quais os laços, como de amizade, amor, afeto, solidariedade e companheirismo se sobressaem como sendo característicos para o estabelecimento de uma família, não precisando coexistir somente os laços sanguíneos. Considera-se família um grupo social composto de indivíduos que se relacionam cotidianamente, gerando uma complexa trama de emoções. A relação de cuidado pode significar um compromisso em que todos estão envolvidos, além da possibilidade de mudança de protagonistas na estrutura de família.

Para Azevedo e Guerra (1998), embora a história tenha caracterizado como família tradicional aquela constituída por pais, mães e filhos, vale ressaltar que não existe um padrão ou modelo ideal de “família regular” (Assis *et al.*, 2010). Há, no imaginário social, pré-conceitos instituídos por idealizações que fazem da “família nuclear” uma representação da “família ideal”.

Espera-se das famílias, dentre suas maiores expectativas, que ela proporcione proteções sociais e afetivas, sobretudo, aquisições materiais necessárias para prover o bem-estar dos indivíduos que nela habita. Para que produziram cuidados, proteção, aprendizado, afetos e construção de identidades, faz-se necessária promoção de melhor qualidade de vida a seus membros. No entanto, à medida em que a família encontra dificuldades para cumprir, satisfatoriamente, suas tarefas básicas de socialização e de amparo/serviços aos seus membros, criam-se situações de vulnerabilidade (Petrini, 2003).

De acordo com Gomes (2003), quando a casa deixa de ser um espaço de proteção para ser um espaço de conflito, a superação dessa situação se dá de forma muito fragmentada, uma vez que a família não dispõe de redes de apoio para o enfrentamento das adversidades, resultando, assim, em sua desestruturação (Gomes, 2003).

É possível perceber, do contexto histórico das famílias, a intensificação de problemas e dificuldades envolvendo os fatores socioambientais e relacionais, os quais têm trazido, ao entorno das famílias, disfuncionalidades. Segundo o dicionário *on-line*, o significado de disfuncional expressa algo que se encontra em disfunção ou mau funcionamento, que apresenta suas funções alteradas ou prejudicadas, ou que não funciona direito; cuja função está parcial ou completamente prejudicada (Dicionário Online de Português).

Partindo desse pressuposto, da disfuncionalidade que recaem sobre o mal funcionamento das funções protetivas que se espera que a família exerça, infere-se a seguinte hipótese: se a construção do pensamento é passível de sofrer influências do meio e as condições do ambiente pode interferir no processo de evolução do indivíduo, a família pode exercer seu papel, estimulando e potencializando a criança, ou de modo preocupante, impossibilitando e prejudicando, mesmo que indiretamente e de modo inconsciente, todo o desenvolvimento desse indivíduo. Contudo, ao que se espera das expectativas formadas ao entorno das famílias com relação a sua função protetiva são apenas possibilidades e não garantias.

3.3 Fatores internos e externos que influenciam no desenvolvimento da criança

Historicamente, a organização das famílias no Brasil vem enfatizar a relação da pobreza em comparação à família irregular, que segundo Neder (1994), por melhores que sejam as intenções dos agentes históricos sociais, pensa-se que a pobreza coloca no centro do argumento a determinação econômica que levam às dificuldades de manter vínculos familiares.

A literatura sobre famílias pobres no Brasil confirma a possibilidade de se estabelecer uma relação entre as condições socioeconômicas e a estabilidade familiar, no sentido de os ciclos de vida familiar se desenvolverem sem rupturas. Isso significa que as famílias desfeitas são mais pobres e num círculo vicioso, as famílias mais pobres desfazem-se mais facilmente (Sarti, 2003, p. 66).

Gomes e Pereira (2005, p. 358) ressaltam que a vida familiar para ser efetiva e eficaz na sua condição protetiva depende de condições para sua sustentação e manutenção de seus vínculos. Contudo, dentre os principais fatores de desproteção, o socioeconômico é o que mais tem contribuído para tornar disfuncional a família, repercutindo decisoramente nos filhos como vítimas da injustiça social, os quais são ameaçados e violados em seus direitos fundamentais.

Ocorre que a pobreza, a miséria, a falta de perspectiva de um projeto existencial que vislumbre a melhoria da qualidade de vida impõem a toda a família uma luta desigual e desumana pela sobrevivência, precipitando a ida de seus filhos para a rua e, na maioria das vezes, o abandono da escola, a fim de ajudar no orçamento da família.

Questões fortemente ligadas a fatores sociais são desencadeadas por situações de desemprego, baixa oferta de trabalho, inserção precária no mercado de trabalho, trabalho sem garantias trabalhistas, a baixa renda familiar e a baixa escolaridade das famílias levam ao enfrentamento cotidiano de maiores desafios para garantia de sobrevivência e qualidade de vida.

Tem-se então um ciclo geracional de baixa escolaridade da mãe, baixa renda, poucos dispositivos emocionais, situações de violência na família, fragilidade na constituição dos vínculos afetivos, problemas na escola e na sociedade e baixa escolaridade das novas gerações (Malta *et al.*, 2019, p. 1295).

Segundo dados da PNAD, quanto mais precocemente o indivíduo se insere na força de trabalho menor será o salário na fase adulta da vida, provavelmente, devido à diminuição dos anos de escolaridade “perdidos”, por ter se inserido antes do tempo na força de trabalho (Malta *et al.*, 2019).

Indivíduos menos escolarizados estão menos equipados para a elaboração de respostas positivas de enfrentamento às tensões e adversidades, com maior chance de exposição à escalada de episódios agressivos. Esperam-se padrões inadaptados de interação

afetiva na vida adulta em resposta a situações de violência intrafamiliar (Malta *et al.*, 2019, p. 1295).

Com relação aos fatores ambientais, relacionado à existência de conflitos familiares, a fragilização dos vínculos em muitos casos chegam a sua ruptura total. A presença de violências físicas, psicológicas, moral, financeira e patrimonial tem desestabilizado sua função protetiva, e, de acordo com Malta *et al.* (2019), na teoria do vínculo afetivo, abusos e agressões ocorridas no seio familiar ou no seu entorno prejudicam o equilíbrio emocional, bem como empalidecem a imagem de si mesmo, gerando modelos de adaptação desajustados (Malta *et al.*, 2019).

A intensificação da violência intrafamiliar e a presença de fatores emocionais, como o crescimento do número de pessoas com doenças da mente, transtornos psicológicos e psiquiátricos, síndromes, pânico, depressão, estafa mental e física, Burnout, entre outros, estão levando ao enfraquecimento das relações e até mesmo a ruptura dos laços familiares, acarretando às crianças a vivência de experiências não muito promissoras, de modo que crescem em contextos disfuncionais.

Não se pode desconsiderar que, como em toda regra há sua excessão, assim, existem famílias disfuncionais que em dado contexto pode ser fortalecedor, acelerador de suas potencialidades ou não. Porém, sem dúvida, a aceitação desse modo de ver família trará profundas modificações nas relações e na dinâmica da vida social. Sendo assim, é possível afirmar que a situação de enfraquecimento dos vínculos familiares também é resultado dos fatores sociais, culturais, ambientais e emocionais aos quais estão sujeitos, cerne propulsor para desproteção familiar.

4 Contextos disfuncionais e seus impactos na aprendizagem das crianças

Faz-se necessário compreender o processo de aprendizagem associado às experiências decorrentes dos fatores sociais, culturais, emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais de modo que o aprender ocorre por meio da interação entre mente e meio ambiente. Assim, os autores Malta *et al.* (2019) trazem que tensões entre os seus membros, influenciados tanto por fatores externos quanto internos, que podem se transformar em fatores de risco para o desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Vítimas de abusos físicos, psicológicos, morais e/ou sexuais é vista por cientistas como indivíduo com mais probabilidades de maltratar, sodomizar outros, enfim, de reproduzir, contra outros, as violências sofridas, do mesmo modo como se mostrar mais vulnerável às investidas sexuais ou violência física ou psíquica de outrem (Nogueira, 2019, p. 4).

Pensando nesse contexto, é possível afirmar que o autoritarismo dos pais, as punições, o castigo, físico ou psicológico, e as agressões também podem ser associados a severos danos no desenvolvimento de crianças e adolescentes (Malta *et al.*, 2019). Segundo Conceição (2020), grande parte das dificuldades provém de questões “emocionais”, ressaltando que, no que diz respeito ao aproveitamento escolar da criança, em suma, é prejudicado por questões como: baixa-autoestima, falta de concentração, medo, insegurança, desorganização interna espacial. De encontro a essa perspectiva, Coll aponta que:

[...] problemas emocionais decorrente das violências vivenciadas no seio das famílias, podem também se manifestar na escola em forma de ansiedade, angústia, tristeza, retraimento social, choro excessivo, dificuldade de estabelecer relações satisfatórias, desinteresse por aprender, dificuldades para se concentrar, mudanças no rendimento escolar e relações não favoráveis com os professores e colegas (Coll, 2010, p. 115).

Ainda de acordo com Coll (2010), os alunos com dificuldades de aprendizagem, em relação aos que não tem, apresentam problemas emocionais e falta de habilidades sociais. Desse modo, o déficit nas habilidades sociais e os problemas pelos quais a criança passa fora da escola é hipótese certa de como os problemas emocionais podem dar lugar à falta de concentração e diminuição do interesse escolar, além do baixo rendimento.

A violência pode se manifestar de várias formas, mas a violência psíquica e a moral no geral são violências que de imediato não deixam marcas, ou não são visíveis as pessoas do convívio da vítima, mas se tais violências afetarem o psicológico da vítima, elas se tornam visíveis manifestando prejuízos no desenvolvimento físico, social, emocional, cognitivo ou afetivo. Muitas vítimas de violência carregam consigo marcas profundas deixadas pelas agressões sofridas e quando não tratadas tendem a ser mais suscetíveis a outras formas de violências, seja na sua vulnerabilidade ou na reprodução da violência com outras pessoas (Nogueira, 2019, p. 4).

Por essa razão, pode-se afirmar que as cruéis expressões sociais, decorrentes de fatores socioambientais e emocionais, podem atingir todas as faixas etárias, desfavorecendo o desenvolvimento da criança, trazendo um ponto determinante em sua história de vida, dos quais tem potencial para gerar grandes prejuízos sociais, aparentes e irreparáveis, a curto e longo prazo na vida dessa criança, o que impactará em vários aspectos de sua vida.

5 Considerações finais

Vale indagar, até que ponto as famílias fragilizadas podem constituir-se em instância co-responsável pela proteção social aos seus membros se elas mesmas encontram-se fragilizadas? Assim, espera-se que as famílias tenham condições de desempenhar o papel protetivo, superando as dificuldades que decorrem das questões sociais que perpassam seu cotidiano.

A rede de relações estabelecidas na estrutura familiar é influenciada pelo contexto socioeconômico e pelas características de cada um dos seus membros, bem como da estrutura que se articula entre eles. A proteção afetiva por ela assegurada, por um lado, é a base para a construção de laços emocionais e desenvolvimento do indivíduo (Malta *et al.*, 2019, p. 1297).

Uma das questões fortemente discutidas na atualidade é o desenvolvimento psicossocial do indivíduo e o gerenciamento das emoções mediante situações desafiosas e fragilidades de vida. Diante dessa afirmativa, Goleman (2012) aponta que cada vez mais tem sido reconhecida a importância da inteligência emocional. A capacidade de se conhecer, de saber ouvir, de se colocar no lugar do outro, da solidariedade, da convivência, enfim, de viver melhor (Goleman, 2012, p. 303).

Segundo Gomes e Pereira (2005, p. 362), é possível afirmar que a situação de esgarçamento dos vínculos familiares resulta da miserabilidade a que estão sujeitas as famílias. Ajudar a família mostra-se a única possibilidade para uma sociedade se desenvolver dignamente, perceber suas configurações e, principalmente, compreender suas fragilidades, de algum modo, olhando para a criança como um ser único e individual.

É necessário entender essa importância, bem como compreender a urgência de se ter um olhar direcionado ao sujeito e a sua singularidade, que permeia as questões sociais e os fatores socioambientais no interior das famílias, assim como, os fatores socioemocionais vivenciado pela criança no seio da sua família.

Ao aprofundar a discussão sobre família, pôde-se fazer um retrato vivo dos reflexos que a crise econômica impõe sobre as famílias pobres. Diante das reflexões apresentadas é possível afirmar que a situação de esgarçamento dos vínculos familiares resulta da miserabilidade a que estão sujeitas as famílias, sendo está a mola propulsora para a sua desestruturação (Gomes; Pereira, 2005, p. 360).

Destaca-se o fundamental papel da família em assegurar ao indivíduo uma educação responsável, afetiva, fortalecida e sinérgica. O apoio e o olhar atento dos pais de maneira conjunta aos profissionais e à escola garantem à criança a identificar suas principais fragilidades e intervir para o fortalecimento de suas potencialidades.

O olhar da coletividade para a singularidade da criança envolve, sobretudo, a busca de informações da família junto às suas relações sociais, padrões de comportamento, fatores ambientais, convivência, vínculos e afetividade, de modo que tudo deve ser observado de ativamente no procedimento de aprofundamento sob determinadas circunstâncias.

Problemas relacionados aos transtornos e dificuldades de aprendizagem podem ser identificados precocemente nos anos iniciais, sendo a intervenção precoce apropriada e indicada

para todas as crianças e, principalmente, até iniciação da idade escolar. Desse modo, ressalta-se o quanto torna-se imprescindível o psicopedagogo nos espaços institucionais, empresas, organizações, escolas, projetos, entre outros locais, que sobretudo tenha como público-alvo crianças.

A psicopedagogia assume um papel importante enquanto resposta para os conflitos internos que possam estar impactando diretamente no desenvolvimento e na aprendizagem da criança. Esse profissional dispõe de técnicas de trabalho que podem ser desenvolvidas de maneira individual ou em grupo, podendo apreender no indivíduo peculiaridades advindas de fatores internos e externos e intervisto de maneira precisa e precoce, sendo capaz de resgatar na criança o impulso necessário para aprendizagem.

Inúmeras são as estratégias e ferramentas psicopedagógicas que podem ser selecionadas e aplicadas, considerando suas respectivas funções cuja finalidade seja a contribuição para com o avanço do desenvolvimento cognitivo da criança. Nessa perspectiva, ressalta-se o papel das instituições escolares e educativas. Conceição (2020) discorre que a escola, por meio da educação, exerce um papel fundamental nessa discussão para o enfrentamento e conscientização sobre padrões e pré-conceitos às famílias, a fim de que sejam desconstruídos, desenvolvendo estratégias que impliquem nas causas e não somente nas consequências da violência, aumentando o potencial do combate e prevenção a qualquer negligência contra a criança.

O papel efetivo do Estado, instituindo ações governamentais, tem a família como locus fundamental do processo de consolidação das garantias de vida digna de seus indivíduos. Para Kaloustian e Ferrari (1994), por trás da criança excluída da escola e em situação de risco, está a família desassistida ou inatingida pela política oficial.

Minayo e Souza (1998) apontam que além da pobreza, o desemprego, péssimas condições de vida e sobrevivência, a exclusão de diversos sujeitos às políticas públicas e o não acesso aos direitos fundamentais contribuem para o estado de vulnerabilidade das famílias e em consequência aos seus membros - crianças e adolescentes que vivenciam a desproteção. E como reflexos da questão social, a qual as famílias estão inseridas, Martins (1993) afirma que a criança abandonada é apenas a contrapartida do adulto abandonado, da família abandonada, da sociedade abandonada.

Faz-se necessário ressaltar a urgência da mudança de paradigma em relação à implementação de programas sociais mais consequentes e que visualizem sempre a família como alvo, não descontextualizando seus membros. Não dá para falar em políticas públicas eficazes sem se dar destaque à família como potencializadora destas

ações. Ajudar a família mostra-se a única possibilidade de a se sociedade desenvolver dignamente (Gomes; Pereira, 2005, p. 360-361).

Desse modo, faz-se necessário ressaltar a urgência da mudança de paradigma em relação à implementação de programas que visualizem a família como alvo, não descontextualizando seus membros. Mediante as leituras aqui apresentadas, fica a evidente necessidade do aprofundamento em estudos para elaboração de estratégias que promovam o combate aos diversos fatores internos e externos, sobretudo, os fatores de cunho sociais e de violências (físicas, emocionais, psicológicas, doméstica e estruturais) no seio das famílias. Essas estratégias não só no sentido de diminuir os danos causados na aprendizagem escolar, mas de formar cidadãos mais atuantes e conscientes das responsabilidades e de seu compromisso enquanto ator social interacionista, nesse contexto de vida que permeia crianças e adolescentes enquanto seres humanos em desenvolvimento.

Referências

- ASSIS, S. G. (org.) **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ ed. Fiocruz, 2010.
- AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. **Pele de asno não é só história...: um estudo sobre a vitimização sexual de crianças e adolescentes em família**. São Paulo: Rocca, 1998.
- COLL, C. (org.) **Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- CONCEIÇÃO, D. S. **Violência doméstica e suas influências na aprendizagem escolar**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação) — Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Santo Antônio de Jesus, Bahia, 2020. Disponível em: www.repositoriodigital.ufrb.edu.br Acesso em: 17 ago. 2020.
- GOMES, M. A; PEREIRA, M. L. D. Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. **Ciência e Saúde Coletiva**, Ceará, v. 10, n. 2, p. 357 – 366, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000200013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/tw4jYGw65NMVCC4ryKNKzPv/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 08 out. 2023.
- Disfuncional. *In: Dicionário Online de Português*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/disfuncional/>. Acesso em: 08 out. 2023.
- FELIPE, J. O desenvolvimento infantil na perspectiva sociointeracionista: Piaget, Vygostky, Wallon. *In: GRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. P. S. Educação infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.
- GOLEMAN, D. **Inteligência emocional - A Teoria revolucionária que define o que é ser inteligente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

KALOUSTIAN, S. M. **Família brasileira, a base de tudo**. São Paulo: Cortez, 2000.

KALOUSTIAN, S. M; VICENTE, C. M. O direito à convivência familiar e comunitária: uma política de manutenção do vínculo, 1994. In: KALOUSTIAN, S. M. (org.). **Família brasileira, a base de tudo**. São Paulo: Cortez, 2000.

MALTA, D. C.; ANTUNES, J. T; MACHADO, I. E. Fatores de risco e proteção relacionados à violência intrafamiliar contra os adolescentes brasileiros. **Revista brasileira epidemiologia**, Rio de Janeiro, v. 23, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-549720200003.supl.1>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/9PFDPmtFtC9rc3kHsZPgYdh/>. Acesso em: 08 out.2023.

MARTINS. J. S. **O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R. Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 4, n. 3, p. 513-531, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/S9RRyMW6Ms56S9CzkdGKvmK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 out. 2024.

NEDER, G. Ajustando o foco das lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil. In: KALOUSTIANA, S. M. **Família brasileira a base de tudo**. São Paulo: Cortez, 1994,

NOGUEIRA, L. R. Mídias Sociais: uma nova porta de entrada para a violencia contra a mulher. **Universidade Federal Fluminense**, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://ihs.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/47/2019/08/MIDIAS-SOCIAIS-porta-de-entrada-para-violencia-contramulher-de-LucianaRezende.pdf>. Acesso em: 02 set. 2023.

PETRINI. J. C. **Pós-modernidade e família**. Bauru: UDUSC, 2003.

PIAGET, J. **Psicologia e pedagogia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1976.

RODRIGUES. O. M. P. R; MELCHIORI. L. E. Aspectos do Desenvolvimento na Infância e Adolescência. **Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências da Unesp**, Bauru, 2023. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155338/3/unesp-nead_reei1_ee_d06_s01_texto01.pdf. Acesso em: 11 set. 2023.

SARTI, C. A. **A Família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

TRANSIÇÃO e adaptação escolar: uma análise teórica sobre os aspectos cognitivos da aprendizagem. **Revista Gestão Universitária**, 4 out. 2019. Disponível em: <http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/transicao-e-adaptacao-escolar-uma-analise-teorica-sobre-os-aspectos-cognitivos-da-aprendizagem>. Acesso em: 25 out. 2024.